

## Parte I - Educação de Jovens e Adultos em Roda de Conversas

### **Capítulo 4 - Paulo Freire: concepções de educação e apropriações para a Educação de Jovens e Adultos**

Andrea da Paixão Fernandes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERNANDES, A.P. Paulo Freire: concepções de educação e apropriações para a Educação de Jovens e Adultos. In: FERNANDES, A.P., and LOPES, P.C., eds. *O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em rodas de conversas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020, pp. 85-102. ISBN: 978-65-87949-02-4. <https://doi.org/10.7476/9786587949024.0006>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Capítulo 4

# Paulo Freire: concepções de educação e apropriações para a Educação de Jovens e Adultos

*Andrea da Paixão Fernandes*

As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade de seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos multicores e cantadores (Freire, 2012, p. 25).

### **Primeira Conversa**

O presente capítulo se propõe a dialogar sobre Paulo Freire em três tempos, conforme apresentamos na ação de formação continuada *Educação de Jovens e Adultos em Roda de Conversas*, parte integrante do projeto de extensão universitária da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Roda de Conversas – Cotidiano e Escola.

Consideramos a relevância de dialogar e refletir sobre e com Paulo Freire, referência de extrema importância para a educação brasileira, e por toda a apropriação que fazemos de suas concepções e de seu pensamento para delinear possibilidades e caminhos

de reflexão e de ação, portanto, de práxis, na modalidade educação de jovens e adultos.

Todo caminho de escrita é feito de escolhas. Para a organização desses escritos, escolhemos apresentar brevemente o homem Paulo Freire, algumas de suas concepções de educação e as apropriações possíveis a serem feitas pelos educadores e educandos que atuam na área de educação para pessoas jovens e adultas. Ao final do artigo, convidamos o leitor a se enveredar por caminhos outros que permitam aprofundar alguns dos conceitos que abordamos.

### **Paulo Freire – o homem**

Paulo Reglus Neves Freire nasceu e cresceu em Recife, Pernambuco, nas sombras de mangueiras, pitombeiras e cajueiros; ouvindo o canto dos pássaros e fazendo, do contato com a natureza, formas de aprender. Os gravetos com que escrevia no chão de terra foram seu lápis e, para Freire, aprender é um ato de verdadeiro compartilhamento, que se ancora na afetividade. Afetividade esta que encontramos em tudo o que nos é significativo.

Paulo Freire formou-se advogado, mas se encantou pela educação e, por esse mundo, enveredou-se. Tornou-se professor, lecionando Língua Portuguesa no mesmo colégio em que estudou. Atuou também no Serviço Social da Indústria (SESI), em Pernambuco, onde teve seu primeiro contato com a educação de adultos. Nesse movimento de constituir-se professor, Paulo Freire conta que

Antes de mais nada, devo dizer que ser um professor tornou-se uma realidade, para mim, depois que comecei a lecionar. Tornou-se uma vocação, para mim, depois que comecei a fazê-la [...]. Ensinando, descobri que era capaz de ensinar e que gostava muito disso [...]. Aprendi como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito (Shor e Freire, 1986, p. 23).

O homem Paulo Freire seguiu sua trajetória pela educação popular. Participou dos movimentos de educação e cultura popular que marcaram o final da década de 1950 e os primeiros anos da década de 1960. Atuou no Conselho Estadual de Educação de Pernambuco, de onde foi destituído em 1964 e, nesse mesmo ano, partiu para Bolívia, país que lhe deu asilo político. De lá, seguiu para o Chile, onde permaneceu até 1969. Foi no Chile que escreveu *Pedagogia do Oprimido*, que, depois, ganhou o mundo e foi traduzido em mais de vinte idiomas. Paulo Freire viajou o mundo e foi tecendo seus diálogos que se constituem como relevantes contribuições para a educação de todos, não só para a educação para pessoas jovens e adultas. Voltou ao Brasil dez anos depois, em 1979, e, chegando a Campinas, São Paulo, recebeu o convite para lecionar na PUC-SP. Foi em São Paulo que ele se estabeleceu com sua família em seu retorno definitivo, no ano de 1980. Por questões políticas, não teve condições de retornar a Pernambuco. Ao longo de sua vida, o cidadão Paulo recebeu vários títulos, aqui no Brasil e pelo mundo afora.

Paulo Freire priorizou trabalhar em equipe. Sobre isso, Carlos Rodrigues Brandão, em entrevista, afirma: “Gente, a pior coisa que a gente pode fazer com Paulo Freire é supercentrar na pessoa dele e esquecer os outros. Paulo sempre foi uma pessoa de equipe, sempre trabalhou com equipe a vida inteira” (Fernandes et al., 2017, p. 8). Preocupando-se em ser uma pessoa profundamente humana, Paulo Freire segue sua vida valorizando o que se aprende em comunhão, de forma compartilhada e fazendo do *ensinaraprenderensinar* um movimento verdadeiro, inteiro, fundamentado no diálogo e se constituindo como um caminho que se faz em parceria.

Foi Paulo Freire, preocupado em valorizar os saberes das outras pessoas com quem dialoga e interage, que se permitiu, por exemplo, dialogar sobre os caminhos, mas sem elaborar, ele próprio, a proposta de educação de Guiné-Bissau.

Sabíamos que tínhamos algo com que contribuir para a resposta àquele desafio. Se não o tivéssemos, não se explicaria a aceitação do convite. Mas, fundamentalmente, sabíamos que a ajuda que nos pediam só seria verdadeira na medida em que, em seu processo, jamais pretendêsemos ser os exclusivos sujeitos dela, reduzindo, assim, os nacionais que a solicitavam, a puros objetos da mesma. A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado (Freire, 1978, p. 15).

Essa experiência foi, portanto, mais um exemplo da luta pelos povos oprimidos. Desafiadora, a experiência de Guiné-Bissau nasceu de um convite que Freire recebeu do governo daquele país para discutir as formas de colaboração para a alfabetização dos adultos guineenses. Para construir o projeto a ser desenvolvido, Paulo Freire e a equipe do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas e a equipe do IDAC buscaram conhecer a realidade e aprofundar os conhecimentos que tinham sobre as lutas por libertação. Como se pode observar no trecho transcrito anteriormente, escrever a proposta de educação para aquela sociedade não estava na intenção e, tampouco, na realidade de vida de Paulo. Ele jamais se permitiria escrever pela outra pessoa ou por um grupo. Paulo Freire e sua equipe não se permitiam realizar uma invasão cultural.

Em lugar de redigir uma proposta de educação a partir de seu lugar e de suas concepções, a prática proposta se desenvolvia a partir do que aprendiam com os educadores e educandos de Guiné-Bissau. Para construir e implementar o projeto, foram idas e vindas de Genebra àquele país africano, mas sem perder a capacidade do diálogo e da troca constantes.

O exemplo de Guiné-Bissau nos permite reconhecer a importância das relações no pensamento e na prática de vida de Paulo Freire. Para ele, o ser humano é um ser de relações. Por isso, precisa se comprometer historicamente para que seja capaz de agir sobre e com o contexto em que vive e transformá-lo. É um ser inacabado, ou seja, Freire define o ser humano como aquele que está permanentemente se constituindo, porque nunca está pronto. Sendo assim, o ser humano é um eterno aprendiz, embora nem sempre se perceba assim. E é de igual forma que Paulo Freire se via. Essa forma de se ver permitiu a ele agir com a humildade de quem aprende cotidianamente na troca com seus pares, com a humildade de um sábio.

O ser humano que pensa, reflete, age, reflete é um ser de compromisso com o mundo, com a sociedade e, portanto, com outros seres e com a transformação. É um ser que humaniza o mundo e se humaniza. “O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’ e ‘ensopados’” (Freire, 2007, p. 19).

Comprometido que precisa ser com o diálogo, essência do pensamento freireano e que se faz com afeto, humildade, comunhão, esperança, por meio da palavra no movimento de ação-reflexão-ação, o ser humano pode se integrar às formas de viver que os fazem essencialmente humanos. “O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 1987, p. 78). Contudo, para que esse exercício se torne realidade, é imprescindível que se tome consciência do potencial transformador – de si e do mundo em que vive – que tem. E o ato de conscientizar-se só é possível a partir do desenvolvimento de uma forma crítica de pensar sobre algo.

## **Paulo Freire – concepções para a educação**

Dialogar sobre as concepções de educação em Paulo Freire requer considerar a diversidade, a pluralidade e a amorosidade que devem ser contemplados nas formas de se pensar e fazer educação e, como parte desse movimento, no ato de educar. Educar se faz no e com movimento. Educar se faz de forma associada à perspectiva de uma educação crítica e que seja não só um ato de conhecimento, como também de conscientização. Requer, muitas vezes, a mudança necessária para que cada cidadão possa refletir sobre si e sobre as formas de ser e de estar no mundo.

Ao desenvolverem a capacidade e as potencialidades de refletir e de agir como movimentos complementares, os seres humanos podem transformar a realidade em que vivem. “O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém” (Freire, 2007, p. 28). O homem, como ser inacabado, vai se educando numa constante busca, por meio da comunicação estabelecida entre os homens, com as interações que estabelece com o meio e, por sua vez, em comunhão.

A educação, nessa perspectiva, possibilita ao ser humano transcender determinado estágio de vida em que se encontra. Ao transcender, pode ir além – emancipar-se, libertar-se – a partir das relações humanas que estabelece.

Nas reflexões e diálogos que ora tecemos, destacamos que a educação, na visão de Freire, apresenta um caráter libertador, ou seja: pressupõe libertar o homem da adaptação e da alienação, visando a possibilitar que seja um ser problematizador e crítico em relação à realidade vivida, integrando-se à sociedade. A escola teria essa função: a de “integrar” o indivíduo à sociedade, contribuindo para a transformação social, por meio de uma prática educativa criativa, criadora, participativa, dialógica e conscientizadora.

Nesse caminhar pela libertação das classes oprimidas e pela busca de uma alfabetização – e educação – efetivamente conscien-

tizadora, Paulo Freire trouxe grandes e significativas contribuições para a educação popular.

Os saberes das outras pessoas, de cada uma delas, a seu modo, são meios necessários para se implementar uma efetiva relação de *ensinoaprendizagem*. Relação esta que se configura por meio das trocas e compartilhamentos entre sujeitos aprendizes e ensinantes, porque, se em um momento somos ensinantes, em outro, somos aprendizes e vice-versa. E, se acreditamos na importância de uma sociedade igualitária e que assegure os mesmos direitos para todos, independentemente de condição social, econômica ou de opção religiosa ou política, é importante considerar que, nas palavras de Paulo Freire, “uma sociedade justa dá oportunidades às massas, para que tenham opções e não a opção que a elite tem, mas a própria opção das massas. A consciência criadora e comunicativa é democrática” (Freire, 2007, p. 38).

Cabe ressaltar, mais uma vez, a importância do diálogo, agora, nesse movimento contínuo de *ensinaraprenderensinar*. Dessa forma, possibilita problematizar; caminhar em prol da busca do desenvolvimento de práticas de vida mais humanizantes e nas quais a pessoa seja capaz de propor caminhos outros que se (pre)ocupem da tecitura de relações entre *ensinaraprenderensinar*.

Paulo Freire afirma, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, que seu “ponto de vista é o dos ‘condenados da Terra’, o dos excluídos” (Freire, 2013a, p. 16). Dessa forma, ao educador democrático, cabe a responsabilidade de valorizar o senso crítico de seus alunos, a sua curiosidade, os seus saberes oriundos de diferentes experiências vivenciadas e reveladoras de culturas e modos de ser e de fazer que os constituem e tecem suas histórias de vida, independentemente de quais sejam as origens socioeconômicas de cada estudante. Sobre esse aspecto, Paulo Freire (2013a, pp. 31-2) nos diz:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por



exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. [...] Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma 'intimidade' entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

A educação precisa considerar o diálogo com as diferentes realidades que constituem cada sujeito em nossa sociedade, individualmente e coletivamente. À escola, como instituição formal do fazer educativo, fica a responsabilidade de implementar um currículo que considere os necessários diálogos com o mundo além de seus muros e abordar os conteúdos curriculares, interagindo com as vivências, os contextos societários e as reais demandas desses indivíduos e coletivos que, por sua vez, impactem em melhores condições e qualidade de vida. Dessa forma, a escola deve ter a função de integrar a pessoa à sociedade, contribuindo para a transformação social, por meio de uma prática educativa criativa, participativa, dialógica e conscientizadora.

Para que seja promotora dessas tantas possibilidades de interação e de integração com o mundo para além dos muros da escola, a educação na visão freireana apresenta um caráter problematizador, libertador, emancipador. Pressupõe questionar, refletir sobre as situações do cotidiano. Pressupõe, também, libertar o homem da adaptação e da alienação, visando a possibilitar que seja um ser crítico em relação à realidade vivida, integrando-se à sociedade. Pressupõe, ainda, considerar o ser humano como um ser de relações que transforma o seu contexto e é transformado pela criação, sendo, portanto, inacabado. E por ser inacabado, está em constante construção, em um movimento de ação-reflexão-ação, construindo-se a si e ao contexto societário em que se insere, uma

vez que os processos de aprender (e de ensinar) devem se fazer em comunhão. Por isso, *ensinaraprenderensinar* são processos e, também, movimentos que acontecem ao longo da vida.

*Ensinaraprenderensinar*, em Paulo Freire, tem diferentes sentidos, saberes, sabores. Como na preparação de um banquete, quando nos preocupamos em apresentar a arrumação e os pratos e as bebidas bem cuidados, harmonizados e saborosos, *ensinaraprenderensinar* é, sobretudo, um movimento indissociável fundamentado em trocas, compartilhamentos; é um ato de amorosidade; prescinde do diálogo com o fazer crítico; é (re)criar continuamente; requer a leitura da palavra, do mundo e dos contextos; é, essencialmente, aprender a aprender. E aprendem estudantes e professores, em partilha e comunhão.

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e vereda, que ela os faz percorrer (Freire, 2001, p. 59).

Todos esses diferentes sentidos, saberes, sabores vão harmonizando-se de uma ou de outra forma quando as diversas culturas vão temperando o cardápio do banquete. Laraia (2009, p. 45) afirma que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”. Esses conhecimentos e experiências de vida permitem a construção de outras histórias que sejam reveladoras de muitos outros saberes. São sentidos que vão sendo dados à educação e à formação escolar e que permitem, muitas vezes, interagirmos com os jeitos de ser, de fazer, de falar, de comer, de pessoas de diferentes lugares. Assim, por sermos produtores de culturas, vamos somando às nossas as de outras pessoas, e

constituindo toda uma gama diversa, plural e, à luz do banquete, temperada e harmonizada, em um verdadeiro movimento que se estabelece com e a partir das relações dos seres humanos entre si e com o mundo.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem da cultura. E, à medida que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (Freire, 2013b, p. 60).

Para Paulo Freire, faz-se cultura por esses diferentes movimentos e grupos que constituem uma sociedade. Cultura é, ainda, trabalho que transforma as pessoas e o mundo em que se vive. “Para os seres humanos, como seres da práxis, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho” (Freire, 2002, p. 81). O trabalho assegura a sobrevivência e permite outras criações – a casa, as vestimentas, as relações – e permite, ainda, que os seres humanos, ao transformarem elementos da natureza e o mundo, produzam cultura e humanizem a si mesmo e as relações. Ao dialogar sobre o conceito de cultura nos movimentos de cultura popular dos quais junto com Paulo participou, Carlos Rodrigues Brandão afirma que “tudo o que existe entre a pessoa, a pedagogia e a educação constitui planos, conexões, fios e tramas do tecido complexo e sempre mutante de uma cultura. Somos huma-

nos porque criamos cultura e continuamente a transformamos” (Brandão, 2008, pp. 108-9), o que nos permite afirmar que há uma relação intrínseca entre trabalho, educação e cultura que precisa ser valorizada nos espaços educativos, sejam eles formais ou não, mas fundamentalmente que seja capaz de considerar a realidade vivida e os contextos societários.

Esse é um dos nortes da educação popular ao ser considerada como uma educação crítica feita com o povo, com os oprimidos e com as classes populares, mas ancorada nos princípios da educação libertadora, transformadora e que seja capaz de valorizar as vivências.

Considerar a educação por esses vieses requer, portanto, valorizar o diálogo, a criatividade, o rigor, a curiosidade epistemológica, a problematização, o protagonismo dos sujeitos e a vivência da práxis, independentemente do nível de educação ou da modalidade de ensino. Requer, ainda, considerar o inacabamento do ser humano como balizador dos processos de *ensinaraprenderensinar* e de *se ser-fazer* dentro de uma perspectiva a ser cotidianamente construída e ancorada nos diálogos, na educação problematizadora, libertadora, na humanização, por sermos seres em constante construção; em constante aprendizado.

### **Educação de Jovens e Adultos – apropriações do pensamento freireano**

Paulo Freire nos deixou uma rica história de vida, além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos. A consideração, pelo campo da Educação de Jovens e Adultos, de Paulo Freire como um de seus mais importantes referenciais teóricos se ancora na perspectiva de que essa modalidade de ensino trabalha a educação para quem teve seu direito negado em alguma etapa de sua vida pelas mais diferentes razões e, dessa forma, não teve condições de permanecer e concluir a educação básica.

Ao falar de direitos negados, consideramos que os contextos de vida dessas pessoas não lhes permitiram ingressar numa escola ou que dela precisaram sair pelos mais diferentes reveses da vida. Falamos, ainda, de uma relação de opressão sobre uma determinada classe social para a qual parece mais fácil negar ou retirar direitos.

Outro aspecto que nos faz considerar Paulo Freire como um dos principais referenciais teóricos é a proximidade que pode ser construída entre a modalidade EJA e a educação popular, que é justamente a educação para os mais despossuídos, para os oprimidos. As experiências de educação popular no Brasil, desde a década de 1960, têm estabelecido diálogos com Freire que permitem pensar qual educação para qual pessoa que dela necessita, além do debate sobre produção de material didático alinhado com as demandas dos grupos de estudantes em cada contexto específico que, para além da alfabetização de adultos e de jovens, considera a organização operária, as ligas camponesas, os movimentos de cultura popular que se disseminaram pelo Brasil, tendo a região Nordeste como seu principal expoente.

Como se pode observar, a educação para as classes populares e, portanto, para o povo, é o ponto central da obra freireana. Ao pensar uma Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire propõe uma educação que possibilite aos oprimidos construir condições e caminhos para a libertação das situações de opressão. Nesse viés, educação popular, para Paulo Freire, é aquela construída por meio da participação das classes populares, oprimidas e, portanto, do povo e que se ancora na concepção de educação libertadora. Dessa forma, a concepção de educação popular deve ser transformadora da sociedade e considerar as diferentes vozes em diálogos, as vivências manifestadas pela práxis, o protagonismo dos sujeitos, a criatividade, a criticidade, a problematização, os afetos, os encontros, a pluralidade em seus contextos societários.

Para o campo da educação de jovens e adultos, a concepção freireana de educação deve considerar, assim como em toda a educa-

ção, o inacabamento como aquele eixo norteador que fundamenta o retorno ou a entrada do jovem e do adulto nos espaços escolares, sejam eles formais ou não formais. Pelo fato de nós, seres humanos, estarmos sempre inacabados, podemos prosseguir, seja qual for o ponto onde tivermos parado. Temos a capacidade de aprender sempre, ao longo da vida e por um movimento permanente de buscar.

Considerando que Paulo defendeu a importância de aprendermos a modificar o mundo a partir das formas escolhidas de estarmos no mundo, nosso papel como educadores atuantes na modalidade EJA precisa ser o de quem contribui para a construção de uma ação reflexiva que problematize as questões cotidianas e analise seus impactos na vida dos sujeitos *ensinantesaprendizesensinantes* da EJA, de forma a podermos, por meio do diálogo, contribuir significativamente para uma perspectiva de educação que seja potencializadora de caminhos para a libertação das classes populares e oprimidas dos contextos opressores em que vivem e/ou para os quais atuam. Segundo Freire (1987), somente o oprimido pode se libertar dos contextos de opressão em que vive, ou seja, não é o opressor que liberta o oprimido, e sim, ele próprio que aprende e desenvolve meios de promover a sua libertação.

Nossa busca, na prática docente com pessoas jovens e adultas, é por uma abordagem curricular que assegure que os conteúdos tenham sentido, ou seja, que sejam significativos para os educandos. Não se aprende o que não faz sentido, justamente porque não se torna significativo. Precisamos considerar nas salas de aula da modalidade EJA, sem deixar de abordar os conteúdos de cada ano de escolaridade,<sup>1</sup> um caminho formativo que possibilite aos estudantes reconhecer nessas abordagens os usos sociais que farão do que estão estudando, o que se faz com diálogo, com explicitação dos objetivos de cada conteúdo, de cada aula. O que se faz, tam-

---

<sup>1</sup> Utilizamos a nomenclatura “ano de escolaridade” para sintetizar toda e qualquer forma de organização do currículo da modalidade Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

bém, quando o professor tem a preocupação com a abordagem dos conteúdos de forma crítica e que não se restrinja ao cumprimento do plano de curso. Esses são elementos fundamentais e essenciais para que o estudante possa relacionar o que se aprende na escola com o que se aprende na vida e, todas essas aprendizagens, com o que se usa na vida cotidiana.

A concepção freireana de educação, a começar pelo processo de alfabetização, considera a realidade e a possibilidade de as pessoas refletirem a partir de uma perspectiva ontológica de ser humano e que seja capaz de potencializar o desenvolvimento do pensamento crítico por meio de diálogos sobre situações que se apresentem como desafios para os grupos de pertença.

A esse processo de alfabetização, amoroso, crítico, conscientizador, humanizado, fundamentado no diálogo, soma-se a necessidade de se considerar o conceito de cultura, o qual possibilita distinguir natureza e cultura, o sentido das ações humanas, a mediação ser humano-natureza, a cultura produzida pelos seres humanos como acréscimo à natureza e, também, como trabalho produzido, a cultura como apropriação, crítica, criadora, que precisa ser democratizada (Freire, 2013b). Aprender a ler e a escrever, nessa perspectiva, é considerado

como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal, *no mundo e com o mundo*. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto. A partir daí, o analfabeto começaria a operação de mudança de suas atitudes anteriores. Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura.

Descobriria que tanto ele como o letrado têm um ímpeto de criação e recriação.

Descobriria que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande

escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador.

Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu país, como também a poesia de seu cancionero popular. Que cultura é toda criação humana (Freire, 2013b, p. 143).

E Freire me remete a Ciço, o Antônio Cicero de Souza, lavrador de um sítio no sul de Minas Gerais, com quem Carlos Rodrigues Brandão conversou sobre o tema educação. Ao ser perguntado “O que é educação?”, Ciço nos ensina muitas coisas. Ele é um sujeito da EJA de imensa sabedoria. É povo, oprimido, mas que demonstra ter consciência de sua situação de opressão e de que há uma educação para uns e outra educação para outros. Sempre um texto que traz a emoção ao ser lido, porque permite pensar sobre o quanto a educação ainda é um sonho, um desejo, algo inatingível nesse nosso imenso Brasil. Um texto que me acompanha há décadas e que me permito compartilhar aqui alguns trechos.

Então, *educação*. É por isso que eu lhe digo que a sua é a sua e a minha é a sua.

Só que a sua lhe fez.

E a minha? Que a gente aprende mesmo, pros usos da roça, é na roça. É ali mesmo: um filho com o pai, uma filha com a mãe, com uma avó. Os meninos vendo os mais velhos trabalhando.

Inda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: ‘Ciço, como é que um menino aprende o cantório? As respostas?’ Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantório? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa (tambor da Folia de Reis), tá aprendendo a caixa; faz um tipe (tipo de voz do cantório), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido.



Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor assim na frente, com o nome ‘professor’. Não tem... Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido [...].

Então quer dizer que é assim: tem uma *educação* – que eu nem sei como é que é mesmo o nome que ela tem – que existe dentro do mundo da roça, entre nós.

Agora, tem uma – essa é que se chama mesmo *educação* – que tem na escola. Essa que eu digo que é sua [...].

Agora, o senhor chega e diz:

‘Ciço, e uma *educação* dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?’

Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: ‘Eu tô falando duma *educação* pro povo mesmo, um tipo duma *educação* dele, assim, assim’. Essa eu queria saber como é. Tem? Aí o senhor diz que isso bem podia ser feito; tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí eu pergunto: ‘Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem?’ [...]. (Brandão, 1984, pp. 7-10).

E sigamos sempre com a esperança, aquela do verbo *esperançar*, que eu aprendi com Paulo Freire, de que possamos ter muitos Ciços dentro das nossas escolas e das nossas salas de aula da educação de jovens e adultos, ensinando-nos tantos saberes importantes nesse movimento, que é troca, que é riqueza, que é libertação quando compreendemos que *aprenderensinar* é um verdadeiro compartilhamento, uma via de mão dupla, com muitas mãos, com muitos saberes de muita gente de todos os lugares e jeitos de ser e de viver.

## Fechando a Conversa

O desafio de escrever essas linhas é, certamente, marcado por algumas escolhas por entre tantas veredas que o pensamento de Paulo Freire nos permite viajar. Neste momento, consideramos relevantes essas veredas, as quais nos permitem trazer para o texto conceitos que são tão importantes para refletirmos sobre a modalidade educação de jovens e adultos. Caminhar por conceitos como diálogo, afeto, educação problematizadora, educação libertadora, humanização, criticidade, conscientização, cultura, ainda que sem ter a pretensão de aprofundar cada um desses conceitos, mas, muito mais do que isso, possibilitar ao leitor despertar para outras leituras e pesquisas sobre esses sentidos, é revelador das escolhas que fizemos.

Dialogamos sobre e com concepções que contribuem para uma educação que transcenda os muros da sala de aula e da escola e que, por sua vez, estabeleça diálogos outros que possibilitem que esses muros sejam adentrados por tantos outros saberes que, por serem ricos, podem engrandecer a prática pedagógica, fazendo do *ensinaraprenderensinar* um caminho que se fundamente em trocas, em compartilhamentos que permitam a ousadia da construção e da proposição de uma educação horizontalizada. Concepção essa de uma educação possível e que se ancore na ideia de que, ao aprendermos ao longo da vida, podemos, sim, aprender, ensinar, aprender, por meio de tantas trocas, de tantos compartilhamentos que tecem muitos saberes outros.

Essa é a essência que permite muito mais do que aprender e do que ensinar. Permite formar cidadãos que sejam escritores de suas próprias histórias e construtores de suas próprias trajetórias, porque a verdadeira prática educativa precisa ser tecida junto com seus atores, independentemente do papel que desempenhem para que seja, efetivamente, *ensinaraprenderensinar*.

Cabe ressaltar, portanto, antes do ponto final do capítulo, a compreensão de que o campo da educação para pessoas jovens

e adultas é de importância ímpar, na medida em que atua diretamente com pessoas que são vitimadas por um difícil processo de negação ou de retirada de direitos. É preciso estarmos atentos e dialogarmos com a perspectiva esperada de que esses direitos possam ser assegurados para esses jovens e adultos que integram nossa sociedade e que precisam ter sua cidadania plena igualmente assegurada, incluindo, portanto, a garantia do direito à educação como um dos direitos fundamentais do ser humano.

## Referências

- BRANDÃO, C. R. *A questão política da educação brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 7-10 (prefácio).
- \_\_\_\_\_. “Cultura”. In STRECK, D. R. et al. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, pp. 108-10.
- FERNANDES, A. da P. et al. “Entre árvores e sabiás, memórias de Paulo Freire: conversa com Carlos Rodrigues Brandão”. In: *e-Mosaicos – Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)*, v. 6, n. 13, pp. 5-22, dez. 2017.
- FREIRE, P. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Carta de Paulo Freire aos professores”. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 42, pp. 259-268, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- \_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.
- SHOR, I. e FREIRE, P. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.